

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

OTÁVIO AUGUSTO DOS SANTOS

**DO MURO ÀS ONDAS SONORAS: A GUERRA FRIA EM
FREQUÊNCIA DIDÁTICA**

ALFENAS/MG

2025

OTÁVIO AUGUSTO DOS SANTOS

**DO MURO ÀS ONDAS SONORAS: A GUERRA FRIA EM
FREQUÊNCIA DIDÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Licenciado em História pela
Universidade Federal de Alfenas.

Orientador: Olavo Pereira Soares

ALFENAS/MG

2025

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Santos, Otávio Augusto Dos.

Do muro às ondas sonoras : a Guerra Fria em frequência didática /
Otávio Augusto Dos Santos. - Alfenas, MG, 2025.

35 f. : il. -

Orientador(a): Olavo Pereira Soares.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2025.

Bibliografia.

1. Guerra Fria. 2. Ensino. 3. Música. 4. História. 5. Tensões. I. Soares,
Olavo Pereira, orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

OTÁVIO AUGUSTO DOS SANTOS

**DO MURO ÀS ONDAS SONORAS: A GUERRA FRIA EM
FREQUÊNCIA DIDÁTICA**

O(A) Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em História pela Universidade Federal de Alfenas.

Aprovada em: 09 de dezembro de 2025

Prof. Dr. Olavo Pereira Soares
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura:  OLAVO PEREIRA SOARES
Documento assinado digitalmente
Data: 15/12/2025 21:40:53-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

Prof. Marcelo Hornos Steffens
Universidade Federal de Alfenas

Prof.^a Dr.^a Livia Nascimento Monteiro
Universidade Federal de Alfenas

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente ao meu orientador, pelo apoio constante e pelas orientações que fortaleceram meu percurso acadêmico, e à banca avaliadora, pelas contribuições que enriqueceram este trabalho. Desenvolver este TCC foi um processo de grande crescimento, pois me permitiu ampliar minha compreensão sobre como construir um ensino de História mais interdisciplinar, dinâmico e conectado aos estudantes, superando práticas tradicionais e valorizando novas formas de aprender e ensinar.

RESUMO

A sequência didática propõe a utilização da música como recurso pedagógico para abordar conteúdos de História, especialmente o período da Guerra Fria, marcado por disputas ideológicas e forte clima de tensão. A proposta consiste em analisar canções das décadas de 1980 e 1990 que representam sentimentos relacionados ao contexto, como medo, controle, divisão, e desejo de mudança. O título estabelece relação simbólica com o Muro de Berlim e sugere um diálogo entre música e ensino. Trabalhar esse tema possibilita compreender não apenas acontecimentos políticos e militares, mas também as experiências culturais e subjetivas vividas pela população ao longo do conflito. A presença da música em sala favorece aprendizagens críticas e aproxima o estudante das diferentes interpretações do passado. Voltada para turmas do 9º ano, a proposta segue orientações da BNCC e utiliza oito músicas associadas ao período, estimulando análises, discussões e múltiplas leituras do fenômeno histórico.

Palavras-chave: Guerra Fria; ensino; música .

ABSTRACT

The teaching sequence proposes the use of music as a pedagogical tool to address History content, especially the period of the Cold War, marked by ideological disputes and a strong climate of tension. The proposal involves analyzing songs from the 1980s and 1990s that reflect feelings related to the context, such as fear, control, division, and the desire for change. The title establishes a symbolic connection with the Berlin Wall and suggests a dialogue between music and teaching. Working on this topic makes it possible to understand not only political and military events but also the cultural and subjective experiences lived by the population throughout the conflict. The presence of music in the classroom promotes critical learning and brings students closer to different interpretations of the past. Aimed at 9th-grade classes, the proposal follows the guidelines of the BNCC and uses eight songs associated with the period, encouraging analysis, discussion, and multiple readings of the historical phenomenon.

Keywords: Cold War; education; music.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	7
1.1	Descrição do tema e da proposta	7
1.2	Justificativa e fundamentação teórica	8
1.3	Objetivos gerais	10
1.4	Conteúdos	12
1.5	Duração	12
1.6	Recursos e materiais didáticos	13
1.7	Atividades e instrumentos de avaliação	14
	REFERÊNCIAS	17

1 APRESENTAÇÃO

Elaboração de sequência didática - TCC II

Nome do discente: Otávio Augusto dos Santos

Título: Do Muro às Ondas Sonoras: A Guerra Fria em Frequência Didática

1.1 Descrição do tema e da proposta

Esta sequência didática propõe o uso da música como recurso didático para o ensino de História, mas especificamente a respeito sobre o período da Guerra Fria, uma das fases mais tensas e complexas para a Europa do século XX. A proposta em si busca analisar letras das canções das décadas de 80 e 90 que retratam o clima de tensão, medo, repressão e esperança.

O título dado para essa sequência didática transmite várias ideias e remete diretamente ao Muro de Berlim, um dos maiores símbolos nesse período, seguido por uma alusão criada direta com a música e, por fim, traz uma metáfora sugerindo uma abordagem didática educacional e musical sobre a temática.

Trabalhar esse tema nas escolas é fundamental para compreender não apenas os eventos políticos e militares da Guerra Fria, mas também seus desdobramentos culturais e subjetivos. Como destaca Hobsbawm (1995), a Guerra Fria não foi apenas uma disputa armamentista ou diplomática, mas um conflito que modelou a vida cotidiana de milhões de pessoas ao redor do mundo, impregnando o imaginário social com medo, vigilância e polarização ideológica.

Nesse sentido, utilizar músicas com que tratam desse contexto em sala de aula não apenas potencializa a compreensão dos eventos históricos, mas também ativa processos significativos de aprendizagem. A música, enquanto linguagem carregada de sentidos, emoções e ideologias, favorece o diálogo, estimula o pensamento crítico e permite que os estudantes estabeleçam conexões entre o passado e o presente, promovendo uma experiência educativa mais sensível, reflexiva e participativa.

Tal proposta é destinada a turmas do *9º ano do Ensino Fundamental* e está em consonância com a habilidade **(EF09HI28) da BNCC**, que prevê analisar a Guerra Fria e seus impactos no mundo a partir de dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais. Para isso, serão trabalhadas **oito músicas** que dialogam diretamente com o período, possibilitando múltiplas leituras e interpretações.

Público-alvo: 9º ano- Ensino Fundamental Anos Finais

1.2 Justificativa e fundamentação teórica

O ensino de História demanda práticas pedagógicas nos quais dialogam com a realidade dos estudantes e com as múltiplas linguagens que permeiam seu cotidiano. Nesse sentido, a música apresenta-se como uma poderosa ferramenta didática, capaz de encorajar a empatia, promover reflexões e estimular o pensamento por meio da escuta e da análise contextualizada de suas letras. Conforme Olavo Soares (2017), a música, ao ser incorporada ao ensino de História, permite a articulação entre o conteúdo escolar e o universo cultural dos estudantes, potencializando o aprendizado a se tornar a aula mais dinâmica, significativa e sensível.

Complementando esse entendimento, Miriam Hermeto (2012) também destaca que a canção popular brasileira é um campo fértil para o ensino de História, pois carrega consigo discursos, memórias, afetos e representações sociais que podem ser mobilizados em sala de aula como instrumento de leitura crítica da realidade. Quando aplicada ao estudo da Guerra Fria, neste espaço-tempo que foi marcado por conflitos ideológicos, tensões geopolíticas e disputas culturais, a “música”, torna-se um recurso privilegiado para compreender não apenas dos eventos históricos, mas também os sentimentos e percepções sociais daquele contexto.

Ao relacionar essas análises teóricas com a música “**99 Luftballons**” - (**anexo: A**), da banda alemã **Nena**, lançada em **1983**, percebe-se que a obra reflete o clima de **tensão e medo** vivido durante a **Guerra Fria**. Por meio de uma **narrativa aparentemente inocente**, a canção faz uma **crítica à paranoia militar e à ameaça constante de um conflito nuclear** entre **Estados Unidos e União Soviética**. A música descreve como o lançamento de 99 balões ao céu é interpretado como ameaça, desencadeando uma guerra nuclear. Trata-se de uma crítica à lógica da corrida armamentista, na qual qualquer movimento pode ser visto como ofensivo, revelando o caráter irracional da estratégia de destruição mútua assegurada (MAD).

Em “**Russians**” - (**anexo: B**), lançada em 1985, o cantor britânico Sting propõe uma reflexão crítica sobre a racionalidade dos líderes políticos das superpotências. Em meio à retórica agressiva de Reagan e às reformas de Gorbachev, a canção questiona o valor da vida humana frente aos interesses ideológicos e bélicos. Com apelo emocional e humanista, Sting afirma: “*Espero que os russos também amem suas crianças*” (tradução livre), sugerindo que a empatia poderia ser o único caminho viável para evitar a destruição total.

Lançada em 1990, “**Wind of Change**” - (**anexo: C**), da banda alemã Scorpions, tornou-se símbolo musical da transição política que marcou o fim da Guerra Fria. Inspirada na visita da banda a Moscou em 1989, pouco antes da queda do Muro de Berlim, a música celebra

o espírito de liberdade, reconciliação e transformação. A letra evidencia o desejo de superação da divisão ideológica e reforça a potência da cultura como força unificadora.

"**Nikita**" - (**anexo: D**), lançada em 1985, pelo cantor britânico Elton John, dá voz a uma narrativa de amor impossível entre o eu-lírico e uma guarda de fronteira do lado oriental da Cortina de Ferro. A canção traduz a rigidez dos regimes socialistas e a frieza das relações humanas afetadas pela separação geopolítica. A figura de Nikita simboliza tanto o "outro lado" do conflito quanto a perda da liberdade individual em nome de projetos ideológicos.

A canção "**Seconds**" - (**anexo: E**), da banda irlandesa U2, lançada em 1983, trata da ameaça nuclear com tom sombrio e urgente. A frase "*leva um segundo para dizer adeus*" (tradução livre), denuncia a rapidez com que um conflito pode se transformar em tragédia global. A letra também alude ao uso de crianças em contextos militares e à manipulação ideológica, aspectos recorrentes nas disputas de poder e propaganda do período.

A música brasileira "**Alívio Imediato**" - (**anexo: F**), da banda Engenheiros do Hawaii, lançada em 1989, ano emblemático do fim do Muro de Berlim, traz um olhar crítico sobre o contexto político nacional e global. A letra questiona as soluções rápidas e o esvaziamento das grandes promessas de mudança, retratando o desencanto com o sistema político e sua incapacidade de enfrentar problemas estruturais. A crítica se estende à superficialidade das práticas políticas que ignoram as transformações profundas necessárias.

A música "**Not Now John**" - (**anexo: G**), da banda britânica Pink Floyd, lançada em 1983, é uma crítica feroz à alienação das sociedades ocidentais diante dos conflitos internacionais. Utilizando linguagem agressiva e irônica, a canção denuncia a superficialidade do discurso político e midiático, além de apontar a hipocrisia de um mundo que lucra com guerras enquanto se recusa a encará-las com seriedade.

Embora "**Eva**" - (**anexo: H**), lançada em 1983 pela banda brasileira Rádio Táxi, não tenha sido composta com intenção política explícita, a canção ganhou ressignificações posteriores que permitem sua leitura simbólica. A fuga da personagem e a impossibilidade de retorno remetem ao exílio político e ao desejo de romper com a opressão. Em um período de censura e autoritarismo, como o vivido por diversos países da América Latina e do Leste Europeu, a música dialoga com sentimentos de separação, resistência e esperança

Essas músicas não apenas retratam aspectos históricos da Guerra Fria, como também expressam aquilo que Biagi (2001) conceitua como o "*Imaginário da Guerra Fria*" - (**anexo: I**). Segundo o autor, esse imaginário foi construído por meio de estratégias de medo, controle e propaganda, que atravessaram fronteiras e marcaram profundamente a subjetividade dos indivíduos ao longo do século XX.

As músicas desse período, ao ecoarem tensões ideológicas, discursos belicistas e ansiedades sociais, tornam-se importantes fontes de análise para compreender como a cultura popular incorporou, reproduziu e também criticou os discursos dominantes. Assim, elas não apenas documentam eventos, mas revelam como tais eventos foram vivenciados, interpretados e sentidos por diferentes grupos sociais, oferecendo uma via sensível e crítica para o ensino e a compreensão da História.

Na obra *Medo Líquido - (anexo: J)*, de Zigmund Bauman (2008), o autor nos ajuda a compreender os sentimentos de insegurança e medo que transbordam do contexto geopolítico para vida cotidiana, fenômeno presente nas canções selecionadas para essa sequência. Ademais, o que foi descrito anteriormente se encaixa perfeitamente com a análise de Hobsbawm (1995) sobre a Guerra Fria como um dos principais acontecimentos históricos analisados em sua obra “*Era dos Extremos*” - (anexo: K), ressaltando seu impacto global e duradouro nas relações internacionais e as formas de vida civil, instaurando uma lógica de polarização que extrapolou os campos político e militar.

A análise das músicas em sala de aula, portanto, potencializa a construção de sentidos históricos a partir das escutas, da leitura crítica e da troca de interpretações sobre a formação de sujeitos reflexivos. Assim, justifica-se a escolha por uma sequência didática baseada na análise de músicas com o tema não necessariamente apenas por seu potencial de engajamento dos estudantes, mas pelo fato por sua capacidade de promover uma abordagem interdisciplinar, crítica e afetiva do conteúdo histórico, em consonância com os fundamentos teóricos apresentados aqui.

1.3 Objetivos gerais

A sequência didática tem como objetivo promover a compreensão crítica da Guerra Fria por meio de uma abordagem interdisciplinar, articulando conhecimentos históricos com expressões artísticas, especialmente a música. Ao trabalhar com canções produzidas nesse período, os estudantes têm a oportunidade de perceber como a arte reflete tensões, ideologias, medos e esperanças de uma época, aproximando-os da dimensão humana dos acontecimentos históricos. A análise de letras, melodias, videoclipes e performances musicais permite que eles identifiquem elementos simbólicos e mensagens implícitas, desenvolvendo autonomia interpretativa, pensamento crítico e a capacidade de relacionar manifestações culturais com contextos políticos, sociais e ideológicos. Dessa forma, a música funciona como um recurso pedagógico poderoso, tornando conceitos abstratos mais concretos e estimulando uma

aprendizagem que combina razão e emoção, conectando o conhecimento histórico à experiência afetiva dos alunos.

A interdisciplinaridade é um eixo central da proposta, pois relaciona História, Música, Artes Visuais e Tecnologias Digitais, permitindo que os estudantes construam interpretações complexas e fundamentadas sobre o período. Ao cruzar diferentes linguagens, eles aprendem a analisar como os acontecimentos históricos influenciam a produção cultural e, inversamente, como essas produções funcionam como críticas, reflexões ou representações simbólicas da realidade social. A utilização de múltiplos recursos — incluindo músicas, imagens, cartazes, vídeos e materiais digitais — desenvolve habilidades cognitivas e sociais, como leitura crítica, expressão criativa, comunicação argumentativa e empatia. Essa abordagem promove um aprendizado mais significativo, pois permite que os alunos compreendam a História não apenas como um conjunto de fatos, mas como experiências vividas, carregadas de valores, sentimentos e memórias coletivas.

Outro aspecto fundamental da sequência didática é a valorização da escuta ativa e do debate em sala de aula, práticas que fortalecem a capacidade de argumentação, a empatia e a reflexão crítica. Ao analisar músicas e compartilhar interpretações com os colegas, os estudantes exercitam o diálogo, aprendem a valorizar diferentes perspectivas e reconhecem a dimensão afetiva do conhecimento histórico. A música, nesse contexto, cumpre um papel singular, pois combina emoção e razão, permitindo que os alunos se conectem com experiências humanas complexas e compreendam os impactos sociais e culturais da Guerra Fria. Em síntese, a proposta pedagógica integra conteúdos históricos, expressões culturais e experiências afetivas, estimulando o desenvolvimento de autonomia intelectual, pensamento crítico, sensibilidade ética e capacidade de interpretação, formando cidadãos mais conscientes, reflexivos e empáticos em relação à História e à cultura.

1.4 Conteúdos

- Conceito de Guerra Fria.
- Tensões, ideologias, sentimentos e críticas relacionadas ao contexto da Guerra Fria.

- O Muro de Berlim no contexto da Guerra Fria.
- Diferenças entre Capitalismo e Socialismo.

1.5 Duração

O desenvolvimento da sequência didática está planejado para ocorrer ao longo das 8 aulas de 50 minutos cada, totalizando 400 minutos. A proposta prevê a divisão da turma em 6 grupos, de modo que cada grupo específico seja responsável pela análise de uma das músicas relacionadas a Guerra Fria, de acordo com os eixos temáticos e contextos históricos propostos. Essa organização foi pensada para garantir o avanço gradual das atividades, permitindo que os estudantes compreendam o contexto histórico da Guerra Fria e realizem análises críticas das músicas propostas. As aulas iniciais serão destinadas à introdução temática, com uma dinâmica de abertura em forma de chuva de ideias ou mapa mental, acompanhada da leitura coletiva e mediada de trechos selecionados do referencial teórico, com o intuito de construir uma base interpretativa que sustente o desenvolvimento das análises e discussões ao longo das aulas.

Esses momentos iniciais têm como objetivo despertar o interesse dos alunos, promover o diálogo e aproximá-los do tema por meio de uma abordagem reflexiva e participativa. A leitura e a troca de ideias visam estimular a curiosidade e a compreensão dos principais conceitos que envolvem o contexto da Guerra Fria, favorecendo a articulação entre o conteúdo histórico e as representações simbólicas presentes nas músicas. Assim, cria-se um espaço de escuta e construção coletiva de significados, essencial para a continuidade da proposta didática.

Nas aulas seguintes, os grupos realizarão as apresentações e discussões sobre as canções sorteadas, relacionando suas interpretações com as reflexões construídas a partir do referencial teórico. As últimas aulas serão destinadas à elaboração e à exposição do mural temático, etapa de culminância da sequência didática, em que os estudantes poderão sintetizar os aprendizados desenvolvidos de forma colaborativa. Essa estrutura temporal possibilita uma progressão coerente entre escuta, leitura, debate e criação, contribuindo para uma aprendizagem significativa, crítica e sensível às múltiplas linguagens que compõem o ensino de História.

1.6 Recursos e materiais didáticos

Nessa sequência didática será necessário: o uso do projetor de multimídias para reprodução das músicas, caixa de som, lousa e pincel ou giz para as anotações e construção

coletiva de conceitos (chuva de ideias) ou mapa mental. Cópias impressas das letras para análise textual e debate, ademais terão como base a leitura coletiva e mediada de pequenos trechos acessíveis de autores como Z. Bauman (2008), O. L. Biagi (2001) e Hobsbawm (1995) no intuito de contextualizar as análises ao todo como uma composição. As músicas selecionadas são:

1. 99 Luftballons (Nena-1983)
2. Alívio Imediato (Engenheiros do Hawaii-1989)
3. Nikita" (Elton John-1985)
4. Seconds (U2-1983)
5. Not Now John (Pink Floyd-1983)
6. Eva (Rádio Táxi-1983)
7. Russians (Sting- 1985)
8. Wind of Change (Scorpions-1991)

Posteriormente será desenvolvido uma atividade na construção de um mural temático nos quais os materiais serão utilizados:

- Cartazes ou papel kraft.
- QR codes com o objetivo de gerar códigos que direcionam os alunos para conteúdos específicos (vídeos, músicas, artigos, etc...).
- Marcadores coloridos para escrever e destacar os títulos, trechos das músicas, citações das obras dos autores estudados
- Imagens históricas e símbolos visuais da época para serem coladas no mural
- Fichas ou cartelas na ideia de cada grupo de alunos escreva e cole as informações no mural (como dados sobre músicas, textos, eventos, etc.).

1.7 Atividades e instrumentos de avaliação

Aula 1 – Introdução temática e provocação crítica

Dinâmica de abertura com **chuva de ideias ou mapa mental** guiada pela pergunta:

“O que vem à sua cabeça quando você ouve falar em Guerra Fria?”

Discussão crítica:

Como uma simples ação cotidiana pode desencadear conflitos em contextos de tensão política, como o da Guerra Fria? De que forma a música pode expressar esse medo coletivo?

Apresentação da canção “99 Luftballons” (Nena, 1983) com vídeo legendado e letra impressa para análise posterior.

Tarefa para casa: Releitura da música com anotações pessoais para debate na próxima aula.

Aula 2 – Debate sobre “99 Luftballons” + divisão dos grupos

Roda de conversa: interpretações da música.

Debate com foco nas perguntas: *O que os balões simbolizam? Que elementos da Guerra Fria estão presentes? Como se relaciona ao medo descrito por Z. Bauman (2008) ?*

Formação dos grupos e sorteio das músicas:

Grupo 1: “Alívio Imediato” (Engenheiros do Hawaii, 1989)

Grupo 2: “Nikita” (Elton John, 1985)

Grupo 3: “Seconds” (U2, 1983)

Grupo 4: “Not Now John” (Pink Floyd, 1983)

Grupo 5: “Eva” (Rádio Táxi, 1983)

Grupo 6: “Russians” (Sting, 1985)

A música *Wind of Change* (Scorpion, 1991) ficará com o professor, reservada para o encerramento.

Aula 3 – Apresentações

Grupos 1 e 2 (até 15 minutos por grupo por meio dos usos do videoclipe das músicas legendadas e de suas letras impressas para a turma, slides, cartazes, maquete ou de maneira que preferirem fica a critério dos estudantes) com:

- Análise da letra
- Contexto histórico
- Relações com autores estudados

Discussão guiada: *Qual a crítica expressa nas músicas? Que sentimentos predominam? Onde aparece a tensão entre liberdade e repressão?*

Aula 4 – Apresentações dos grupos 3 e 4

Tendo como foco em:

- Conflito nuclear
- Alienação
- Controle midiático

Debate coletivo: *Como as músicas representam a banalização da guerra? Que elementos simbólicos aparecem para criticar o sistema? Como as letras das músicas revelam a manipulação da informação e a construção do medo, tal como descrito por O. L. Biagi (2001) ao analisar o papel da mídia como instrumento ideológico durante a Guerra Fria?*

Aula 5 – Apresentações dos grupos 5 e 6

Mostras com foco em deslocamento, fronteiras, propaganda política, discurso de medo e confronto ideológico.

Discussão: *Como essas músicas expressam o medo da destruição? Quais símbolos de paz ou conflito aparecem nas letras? Que críticas essas músicas fazem às ideologias dominantes da época?*

Aula 6 – Aula de encerramento com “Wind of Change”

Análise da letra com mediação do professor.

- Queda do Muro de Berlim
- Fim da divisão entre os blocos capitalista e socialista
- Dissolução da URSS e fim simbólico da Guerra Fria (1991)

Debate: *Que mensagem de mudança a música propõe? O fim da Guerra Fria foi também o fim dos medos? Como essa música ajuda a entender o fim do "breve século XX", como diz Hobsbawm (1995)?*

Orientações para construção do mural temático.

Aula 7 – Construção do mural temático

Encaminhado para a finalização da sequência didática, no momento que será priorizado a organização dos grupos com os trechos já lidos e discutidos durante as aulas junto com as letras das músicas apresentadas por eles e pelo professor no qual essa atividade irá ajudá-los a desenvolver o trabalho no coletivo, liberdade para se expressar na escrita e principalmente criando um ambiente de acolhimento e afeto.

Aula 8 - Finalização e exposição do mural

- O término da construção do mural temático
- Apresentação/exposição nos corredores da escola
- Roda de encerramento
- Debate: *O que aprendemos com as músicas? O que a análise musical mostrou que os livros não mostram? Qual a importância de estudar história por outras linguagens?*

Avaliação: Será considerado como avaliação desses instrumentos durante a aprendizagem das aulas:

- *Participação nas discussões/ debates*
- *Qualidade da análise musical e histórica*
- Articulação entre letra, contexto e autores*

Etapa	Conteúdos	Objetivos específicos	Metodologia	Recursos e materiais
Aula 1	Guerra Fria	Interpretar relação entre música e contexto da Guerra Fria	Debate e interpretação de fonte histórica	Quadro, pincel/giz, música...
Aula 2	“99 Luftballons” + formação de grupos	Analisar letra da música, simbolismo, organizar grupos de estudo	Roda de conversa, debate guiado, sorteio das músicas	Vídeo legendado, letra impressa, quadro de slides
Aula 3	Apresentações dos grupos – Parte I	Interpretar letras, contextualizar historicamente e relacionar autores, identificar crítica social	Apresentações (slides, cartazes, maquetes, videoclipe), discussão guiada	Letras, vídeos legendados, cartazes, slides, maquetes...
Aula 4	Apresentações dos grupos – Parte II	Identificar conflito nuclear, alienação, controle midiático, analisar banalização da guerra	Apresentação de grupos, debate coletivo guiado	Letras, vídeos legendados, cartazes, slides, maquetes...
Aula 5	Apresentações dos grupos – Parte III	Analisar deslocamento, fronteiras, propaganda política, discurso de medo e confronto ideológico, símbolos de paz e conflito	Apresentação dos grupos, discussão coletiva sobre ideologias e medos	Letras, vídeo legendados, cartazes, slides, maquetes...
Aula 6	Encerramento com a música “ Wind of Change ” (Scorpions).	Interpretar a canção como representação do fim da Guerra Fria e das transformações políticas e culturais do período.	Audição e análise coletiva da música; roda de conversa mediada pelo professor; síntese das aprendizagens construídas ao longo da sequência.	Vídeo legendado, letra impressa + mediação
Aula 7	Construção do mural temático	Iniciar a elaboração do mural coletivo, reunindo as análises e representações produzidas pelos grupos.	Organização dos grupos; elaboração colaborativa do mural com letras, trechos teóricos, imagens e QR codes	Cartolinas, marcadores coloridos, impressões, colas, tesouras, QR codes e imagens históricas.
Aula 8	Exposição e culminância do mural temático.	Apresentar o mural temático à comunidade escolar e promover a reflexão final sobre o processo de aprendizagem.	Montagem final e exposição do mural; socialização dos resultados e avaliação coletiva e autoavaliação dos estudantes.	Cartazes, QR codes e painéis.

- *Organização e criatividade na construção do mural*

- *Reflexão crítica na roda final*

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário da Guerra Fria. **Revista de história regional**, 2001.

CHAVES, Elisgardênia de Oliveira; HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e Ensino de História**: palavras, sons e tantos sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Práticas Docentes, 2).

EM TEMPO DE HISTÓRIAS, [S. l.], n. 21, p. 199–204, 2013. DOI: 10.26512/emtempos.v0i21.19848. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/19848>. Acesso em: 7 abr. 2025.

HOBSBAWM, Eric. Guerra Fria. In: HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Cia das Letras, 1995. p. 223-252.

SOARES, O. P. A música nas aulas de história: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 78–99, 2017. DOI: 10.20949/rhhj.v6i11.325. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/325>. Acesso em: 7 abr. 2025.

ANEXO A

Nena

99 Luftballons 99 balões

-99 Luftballons-	-99 balões-
Hast du etwas Zeit für mich	Se você tiver um tempinho pra mim
Dann singe ich ein Lied für dich	Cantarei uma música pra você
Von 99 Luftballons	Sobre 99 balões
Auf ihrem weg zum Horizont	Em seu caminho para o horizonte
Denkst du vielleicht g'rad an mich	Se você pensar em mim nesse momento
Dann singe ich ein Lied für dich	Cantarei uma música pra você
Von 99 Luftballons	Sobre 99 balões
Und das sowas von sowas kommt	E algo que vem de algum lugar
99 Luftballons	99 balões
Auf ihrem weg zum Horizont	Em seu caminho para o horizonte
Hielt man für UFOs aus dem All	Foram confundidos com OVNIS
Darum schickte ein General	Por isso um general mandou
'ne Fliegerstaffel hinterher	Uma esquada de aviões atrás
Alarm zu geben, wenn's so wär	Dar o alarme se necessário
Dabei war'n da am Horizont	Enquanto isso tinha no horizonte
Nur 99 Luftballons	Apenas 99 balões
99 Düsenflieger	99 aviões
jeder war ein grosser Krieger	Cada um uma máquina de Guerra
Hielten sich für Captain Kirk	Se achando Capitão Kirk
Das gab ein grosses Feuerwerk	Deu um grande tiroteio
Die Nachbarn haben nichts gerafft	Os vizinhos não entenderam nada
Und fühlten sich gleich angemacht	E se sentiram ameaçados
Dabei schoss man am Horizont	Enquanto isso no horizonte atiravam
Auf 99 Luftballons	em 99 balões
99 Kriegsminister	99 Ministros de Guerra
Streichholz und Benzinkanister	Fósforos e galões de combustível
Hielten sich für schlaue Leute	Se achavam pessoas espertas
Witterten schon fette Beute	Querendo uma gorda recompensa
Riefen: Krieg und wollten Macht	Gritavam: GUERRA e queriam Poder
Mann, wer hätte das gedacht	Cara, quem imaginaria
Dass es einmal soweit kommt	Que chegaria a esse ponto
Weg'n 99 Luftballons	Por causa de 99 balões
99 Jahre Krieg	99 anos de Guerra
Ließen keinen platz für Sieger	Não deixaram espaço pra vencedores
Kriegsminister gibt's nicht mehr	Ministros de Guerra não existem mais
Und auch keine Düsenflieger	E nem aviões de guerra
Heute zieh' ich meine Runden	Hoje dou minhas voltas
Seh' die Welt in Trümmern liegen	E vejo o mundo em pedaços
Hab' 'nen Luftballon gefunden	Achei um balão
Denk' an dich und lass' ihn fliegen	Penso em você e deixo ele voar

ANEXO B

Sting
Russians Russos

	Na Europa e na América (Estados Unidos) há um sentimento de histeria
In Europe and America there's a growing feeling of hysteria	Condicionado a responder a todos os ataques
Conditioned to respond to all the threats	Nos discursos retóricos dos soviéticos
In the rhetorical speeches of the Soviets	Sr. Krushchev disse nós vamos lhes enterrar
Mr. Krushchev said we will bury you	Eu não concordo com esse ponto de vista
I don't subscribe to this point of view	Seria uma coisa idiota a se fazer
It would be such an ignorant thing to do	Se os russos também amam as crianças deles
If the Russains love their children too	
	Como eu posso salvar meu pequeno menino do brinquedo mortal de Oppenheimer
How can I save my little boy from Oppenheimer's deadly toy	Não há monopólio de senso comum
There is no monopoly of common sense	Em ambos os lados do muro político
On either side of the political fence	Nós compartilhamos a mesma biologia
We share the same biology	Desconsiderada a ideologia
Regardless of ideology	Acredite em mim quando te digo
Believe me when I say to you	Eu espero que os russos também amem suas crianças
I hope the Russians love their children too	
	Não há precedente histórico
There is no historical precedent	Para colocar palavras na boca do presidente
To put words in the mouth of the president	Não existe isso de guerra vencível
There's no such thing as a winnable war	É uma mentira que não mais acreditamos
It's a lie we don't believe anymore	Sr. Reagan disse nós vamos proteger você
Mr. Reagan says we will protect you	Eu não concordo com esse ponto de vista
I don't subscribe to this point of view	Acredite em mim quando te digo
Believe me when I say to you	Eu espero que os russos também amem suas crianças
I hope the Russians love their children too	
	Nós compartilhamos a mesma biologia
We share the same biology	Desconsiderada a ideologia
Regardless of ideology	O que pode salvar a gente eu e você
What might save us me and you	É que os russos amam suas crianças também
Is that the Russians love their children too	

ANEXO C

Scorpions

Wind of Change **Vento de mudanças**

Music :Klaus Meine	Música: Klaus Meine
Lyrics:Klaus Meine	Letra: Klaus Meine
I folow the Moskva	Eu sigo ate moscow
Down to Gorky Park	Até o Parque Gorky
Listening to the wind of change	Ouvindo o vento da mudança
An August summer night	Numa noite de verão de agosto
Soldiers passing by	Soldados passando
Listening to the wind of change	Ouvindo o vento de mudanças
The world is closing in	O mundo esta se aproximando
Did you ever think	Você já imaginou
That we could be so close, like brothers	Que nós pudéssemos ser tao proximos, como irmãos?
The future's in the air	O futuro está no ar
I can feel it everywhere	Eu posso sentir isso em todos os lugares
Blowing with the wind of change	Soprando com o vento de mudanças
Take me to the magic of the moment	Leve-me para o momento mágico
On a glory night	Em uma noite gloriosa
Where the children of tomorrow dream away	Onde as crianças de amanhã sonham ao longe
in the wind of change	Num vento de mudanças
Walking down the street	Caminhando rua abaixo
Distant memories	Memorias distantes
Are buried in the past forever	Estão enterradas no passado para sempre
I folow the Moskva	Eu sigo ate moscow
Down to Gorky Park	Até o Parque Gorky
Listening to the wind of change	Escutando o vento das mudanças
Take me to the magic of the moment	Leve-me para o momento mágico
On a glory night	Em uma noiite gloriosa
Where the children of tomorrow share their dreams	Onde as crianças de amanhã compartilharão seus sonhos
With you and me	Com você e eu
Take me to the magic of the moment	Leve-me para o momento mágico
On a glory night	Em uma noite gloriosa
Where the children of tomorrow dream away	Onde as crianças de amanhã sonham ao longe
in the wind of change	num vento de mudanças
The wind of change	O vento de mudanças
Blows straight into the face of time	Sopra diretamente na face do tempo
Like a stormwind that will ring the freedom bell	Como uma tempestade que tocará o sino da liberdade
For peace of mind	Para a paz da mente
Let your balalaika sing	Deixe sua balalaica cantar
What my guitar wants to say	O que minha guitarra quer dizer
Take me to the magic of the moment	Leve-me para o momento mágico
On a glory night	Em uma noite gloriosa
Where the children of tomorrow share their dreams	Onde as crianças de amanhã compartilham seus sonhos
With you and me	Com você e eu
Take me to the magic of the moment	Leve-me para o momento mágico
On a glory night	Em uma noite gloriosa
Where the children of tomorrow dream away	Onde as crianças de amanhã compartilham seus sonhos
in the wind of change	Num vento de mudanças

ANEXO D

Elton John
Nikita Nikita

Nikita	Nikita
Elton John	Elton John
(Elton John/Bernie Taupin)	(Elton John/Bernie Taupin)
Hey Nikita is it cold	
In your little corner of the world	Ei Nikita, está fazendo frio ?
You could roll around the globe	Em seu cantinho do mundo ?
And never find a warmer soul to know	Você pode rolar ao redor do globo
Oh I saw you by the wall	E nunca encontrar uma alma mais calorosa para conhecer
Ten of your tin soldiers in a row	
With eyes that looked like ice on fire	(Oh) Eu vi você ao lado do muro.
The human heart a captive in the snow	Dez de seus soldadinhos de lata em uma fileira
Chorus	Com olhos que pareciam gelo pegando fogo
Oh Nikita you will never know, anything about my home	O coração humano, um cativo na neve.
I'll never know how good it feels to hold you	
Nikita I need you so	Chorus
Oh Nikita is the other side of any given line in time	(Oh) Nikita, você nunca saberá coisa alguma sobre meu lar.
Counting ten tin soldiers in a row	Eu nunca saberei como é bom segurar você.
Oh no, Nikita you'll never know	Nikita, preciso tanto de você.
Do you ever dream of me	(Oh) Nikita, é o outro lado de qualquer vida dada no tempo.
Do you ever see the letters that I write	Contando dez soldadinhos de lata em uma fileira.
When you look up through the wire	(Oh) Nikita, você nunca saberá.
Nikita do you count the stars at night	
And if there comes a time	Você alguma vez sonha comigo ?
Guns and gates no longer hold you in	Você alguma vez vê as cartas que eu escrevo ?
And if you're free to make a choice	Quando olha através do arame ?
Just look towards the west and find a friend	Nikita, você conta as estrelas à noite ?
Chorus	
Oh Nikita you will never know, anything about my home	E se alguma vez chegar um dia
I'll never know how good it feels to hold you	E, que armas e portões não te mantiverem mais presa
Nikita I need you so	E se você estiver livre para fazer uma escolha
Oh Nikita is the other side of any given line in time	Apenas olhe na direção do ocidente e encontre um amigo.
Counting ten tin soldiers in a row	
Oh no, Nikita you'l never know	Chorus
repeat chorus	(Oh) Nikita, você nunca saberá coisa alguma sobre meu lar.
	Eu nunca saberei como é bom segurar você.

ANEXO E

U2

Seconds Segundos

Takes a second to say goodbye	Demora só um segundo para dizer adeus
Say goodbye, oh, oh, oh	Dizer adeus, oh, oh, oh
It takes a second to say goodbye	Demora só um segundo para dizer adeus
Say goodbye, oh, oh, oh, say bye bye...	Dizer adeus, oh, oh, oh diga tchau...
Where you going to now...	Para onde você vai agora...
Lightning flashes across the sky	Luzes brilhantes cruzam o céu
East to west, do or die	Leste a oeste, fazem ou morrem
Like a thief in the night	Como um ladrão à noite
See the world by candlelight.	Veja o mundo à luz de velas
Fall, rise and...Fall, rise and...	Caia, erga-se e...caia, erga-se e...
In an apartment on Time Square	Num apartamento em Times Square
You can assemble them anywhere	Você pode juntá-los em qualquer lugar
Held to ransom, hell to pay	Prendido ao resgate, um inferno a pagar
A revolution everyday	Uma revolução todo dia.
USSR, GDR, London, New York, Peking	URSS, GDR, Londres, Nova York, Pequim
It's the puppets, it's the puppets	São os fantoches, são os fantoches
Who pull the strings	Que puxam as cordas
Fall, rise and...Fall, rise and...	Caia, erga-se e...caia, erga-se e...
Say goodbye, say goodbye	Diga adeus, diga adeus
Say goodbye, say goodbye	Diga adeus, diga adeus
Say goodbye	Diga adeus
It takes a second to say goodbye	Demora um segundo para dizer adeus
Say goodbye, oh, oh, oh	Diga adeus, oh, oh, oh
Push the button and pull the plug	Empurre o botão e puxe o plug
Say goodbye, oh, oh, oh	Diga adeus, oh, oh, oh
Fall, rise and...Fall, rise and...	Caia, erga-se e...caia, erga-se e...
And they're doing the atomic bomb	E eles estão fazendo a bomba atômica
Do they know where the dance comes from	Eles sabem de onde essa dança vem?
Yes they're doing the atomic bomb	Sim, eles estão fazendo a bomba atômica
They want you to sing along	Eles querem que você cante junto
Say goodbye, say goodbye	Diga adeus, diga adeus
Say goodbye	Diga adeus
Say goodbye.	Diga adeus

ANEXO F

Alívio Imediato

Engenheiros do Hawaii



O melhor esconderijo, a maior escuridão
Já não servem de abrigo, já não dão
proteção

A Líbia é bombardeada, a libido e o vírus
O poder, o pudor, os lábios e o batom

O melhor esconderijo, a maior escuridão
Já não servem de abrigo, já não dão
proteção

A Líbia é bombardeada, a libido e o vírus
O poder, o pudor, os lábios e o batom

Que a chuva caia como uma luva
Um dilúvio, um delírio

Que a chuva traga
Alívio imediato

Que a noite caia
De repente caia
Tão demente quanto um raio
Que a noite traga
Alívio imediato

Há espaço pra todos, há um imenso vazio
Nesse espelho quebrado por alguém que
partiu
A noite cai de alturas impossíveis
E quebra o silêncio e parte o coração

Há um muro de concreto entre nossos lábios
Há um muro de Berlim dentro de mim

Tudo se divide, todos se separam
(Duas Alemanhas, duas Coreias)
Tudo se divide, todos se separam

Que a chuva caia como uma luva
Um dilúvio, um delírio

Que a chuva traga
Alívio imediato
Que a noite caia

De repente caia
Tão demente quanto um raio
Que a noite traga

Alívio imediato

(Tudo se divide, tudo se separa)
(Tudo se divide, tudo se separa)

Que a chuva caia como uma luva
Um dilúvio, um delírio
Que a chuva traga
Alívio imediato

Que a noite caia
De repente caia
Tão demente quanto um raio
Que a noite traga

Alívio

Alívio

Alívio

Alívio

ANEXO G

<small>Pink Floyd</small>	
Not Now John	Agora Não John
Fuck all that we've got to get on with these	Foda-se tudo, nós temos de continuar com isto
Gotta compete with the wily Japanese.	Temos de competir com os astutos japoneses.
There's too many home fires burning	Há muitas casas sendo queimadas pelo fogo
And not enough trees.	E não há árvores suficientes.
So fuck all that	Então foda-se tudo
We've go to get on with these.	Nós temos de continuar com isto.
Can't stop	Não podemos parar
Lose job	Perder emprego
Mind gone	Mente perdida
Silicon	Silicone
Stockholm	Estocolmo
What bomb	Que bomba
Get away	Caia fora
Pay day	Dia de pagamento
Make hay	Faça confusão
Break down	Derrube
Need fix	Precisa de conserto
Big six	Grande seis
Clickity click	"Clickity click"
Hold on	Espere
Oh no	Ah não
Brrrrrrrrring bingo!	Brrrrrrrrring bingo!
Make 'em laugh.	Faça-os rir.
Make 'em cry.	Faça-os chorar.
Make 'em dance in the aisles.	Faça-os dançar nas filas.
Make 'em pay.	Faça-os pagar.
Make 'em stay.	Faça-os ficar.
Make'em feel ok.	Faça-os se sentirem bem.
Not nah John	Agora não John
We've got to get on with the film show.	Nós temos de continuar com a exibição do filme.
Hollywood waits at the end of the rainbow.	Hollywood aguarda no fim do arco-íris.
Who cares what it's about	Quem se importa com o que isto significa
As long as the kids go?	Contanto que as crianças vão?
Not now John	Agora não John
Got to get on with the show.	Nós temos de continuar com o show.
Hang on John we've got to get on with this.	Espere John nós temos de continuar com isto.
I don't know what it is	Eu não sei o que é
But it fits on here like.....	Mas serve aqui como...
Come at the end of the shift	Chegando ao final do turno
We'll go and get pissed.	Nós vamos embora e tomar um porre.
But now now John	Mas agora não John
I've got to get on with this.	Eu tenho de continuar com isto.
Hold on John	Espere John
I think there's something good on.	Eu acho que tem algo de bom passando na TV.
I used to read books but.....	Eu costumava ler livros mas...
It could be the news	Poderia ser as notícias
Or some other abuse	Ou algum outro divertimento
Or it could be reusable shows.	Ou poderiam ser shows reutilizáveis.
Fuck all that we've got to get on with these	Foda-se tudo, nós temos de continuar com isto
Got to compete with the wily Japanese.	Temos de competir com os astutos japoneses.
No need to worry about the Vietnamese.	Não precisa se preocupar com os vietnamitas.
Got to bring the Russian Bear to his knees.	Temos que deixar o Urso Russo de joelhos.
Well, maybe not the Russian Bear	Bem, talvez não o Urso Russo
Maybe the Swedes.	Talvez os suecos.
We showed Argentina	Nós mostramos à Argentina
Now let's go and show these.	Agora vamos lá mostrar isto.
Make us feel tough	Faça-nos sentirmos duros
And wouldn't Maggie be pleased?	E Maggie não ficaria agradecida?
Nah nah nah nah nah nah nah!	Não não não não não não!
"s'cusi dove il bar"	"Por favor onde é o bar?"
(What?)	(O que?)
"se para collo pou eine toe bar	"Por favor onde é o bar?"
s'il vous plait ou est le bar"	Por favor onde é o bar?"
(...say it in English!...)	(... diga em Inglês!...)
"oi, where's the fucking bar John?"	"Ei, onde é a porra do bar, John?"
(Oh, now you're talking!)"	(Ah, agora você está falando!)"
"Oh! Rule Britannia! Britannia rules the day	"Oh! Governe Britannia! A Britannia governa o dia
Down!"	Abaixo!"
"Go, Maggie!"	"Vá, Maggie!"
"Hammer, Hammer, Hammer, Hammer, now!"	"Martelo, martelo, martelo, martelo, agora!"

ANEXO H

Eva
Rádio Taxi

Meu amor
Olha só, hoje o sol não apareceu
É o fim da aventura humana na Terra
Meu planeta, adeus
Fugiremos nós dois na arca de Noé
Olha, meu amor
O final da odisseia terrestre
Sou Adão e você será
Minha pequena Eva (Eva)
O nosso amor na última astronave (Eva)
Além do infinito eu vou voar
Sozinho com você
E voando bem alto (Eva)
Me abraça pelo espaço de um instante (Eva)
Me envolve com teu corpo
E me dá, a força pra viver
Pelo espaço de um instante
Afinal não há nada mais
Que o céu azul pra gente voar

Sobre o Rio, Beirute
Ou Madagascar
Toda a terra reduzida
A nada, a nada mais
Minha vida é um flash (flash)
De controles
Botões anti-atômicos
Olha bem, meu amor
É o fim da odisseia terrestre
Sou Adão e você será
Minha pequena Eva (Eva)
O nosso amor na última astronave (Eva)
Além do infinito eu vou voar
Sozinho com você
E voando bem alto (Eva)
Me abraça pelo espaço de um instante (Eva)
Me envolve com teu corpo
E me dá, a força pra viver
Minha pequena Eva (Eva)
O nosso amor na última astronave (Eva)
Além do infinito eu vou voar

ANEXO I

O IMAGINÁRIO DA GUERRA FRIA

Orivaldo Leme Biagi¹

Introdução

O presente artigo pretende discutir a formação da Guerra Fria, fenômeno determinante de grande parte das relações políticas mundiais depois do fim da Segunda Guerra Mundial até 1989, momento da derrubada do Muro de Berlim e do início do desmantelamento da União Soviética, processo este encerrado em 1991, como um imaginário social.

Entendemos como imaginário a definição dada por Castoriadis, ou seja:

O imaginário não é a partir da imagem do espelho ou no olhar do outro. O próprio "espelho" e sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário, que é a criação ex nihilo. (...) O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de "alguma coisa". Aquilo que denominamos "realidade" e "racionalidade" são seus produtos.²

De acordo com essa definição, apenas podemos nos referir a alguma coisa quando ela foi criada imaginariamente - ou, em outras palavras, *quando ela foi instituída*. Quando o autor emprega *ex nihilo*, que

¹. Orivaldo Leme Biagi fez o Bacharelado em Direito pela Universidade São Francisco (USF) de Bragança Paulista; fez Bacharelado, Licenciatura, Mestrado e Doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sendo que a Tese de Doutorado, base do presente artigo, chama-se **O imaginário e as guerras da imprensa - Estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coreia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã na sua chamada "fase americana" (1964-1973)**; atualmente leciona História no Colégio Objetivo de Taubaté e História da Educação no curso de Pedagogia da FAAT (Faculdades Atibaia). E-mail: olbiagi@yahoo.com

². CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982, p. 13.

significa a partir do nada, não está dizendo que esse nada seja total ou absoluto, mas sim uma série de indeterminações que são processadas imaginariamente e o seu resultado é instituído, podendo-se, então, a partir daí, falar-se de alguma coisa, que é a parte instituída. A instituição da sociedade decorre de uma "materialização", de um magma de significações imaginárias sociais, somente a partir das quais os indivíduos e objetos podem ser captados ou mesmo simplesmente existir.³

A Guerra Fria (Imagário que envolveu as duas guerras) foi um exemplo literal dessa "construção", pois resulta da materialização de um magma de significações imaginárias sociais ligados aos problemas políticos do pós-Segunda Guerra Mundial. O termo tornou-se perfeito para se entender o momento político internacional, pois havia mesmo uma "guerra" entre as superpotências, mas não militarmente direta entre elas, o que justificava a utilização da expressão complementar "fria". Logo, o termo difundiu-se, tanto na imprensa mundial quanto entre os analistas de política internacional, civis ou militares.⁴

Mais do que as implicações do termo, foi a criação de um novo problema, de um novo referencial para as sociedades dessa segunda metade do século, de uma nova condição que justificaria muitas políticas e níveis de atuação - a Guerra Fria era uma "realidade" a ser discutida e vivida pois havia sido criada, inventada, instituída, - um imaginário radical, no sentido que lhe atribuiu Castoriadis.⁵

Para entendermos a Guerra Fria, precisamos realizar algumas discussões.

Discussão Bibliográfica sobre a Guerra Fria

As grandes discussões historiográficas sobre a Guerra Fria tendiam a assumir duas posturas bastante distintas; 1ª) foi uma construção

³ Para Castoriadis, magma: "é aquilo de onde se podem extrair (ou: em que se podem construir) organizações conjuntistas em número indefinido, mas que não podem jamais ser reconstituído (idealmente) por composição conjuntista (finita ou infinita) dessas organizações." E, complementando, Castoriadis afirmou: "Nossa colocação é de que tudo o que pode efetivamente ser dado - representação, natureza, significação - é segundo o modo de ser do magma." CASTORIADIS, 1982, p. 388-389;

⁴ O termo foi inventado por Walter Lippmann, utilizado no seu livro que discutia a situação internacional e que descrevia o clima de confronto entre as duas superpotências que se formaram depois do fim da Segunda Guerra Mundial: Estados Unidos e União Soviética. *Apud* FENELON, Déa R. **A Guerra Fria**. São Paulo, Brasiliense: 1983. Coleção Tudo é História, n. 64.

⁵ - CASTORIADIS, 1982, p. 414;

soviética, que queria expandir o comunismo para o resto do mundo; 2º) foi uma construção norte-americana, para justificar suas ações e conseqüentes intervenções nas nações que estivessem fora da "esfera" do domínio soviético. Tais posturas são resultados diretos da própria dinâmica que a Guerra Fria assumiria, ou seja, de confrontos intransigentes de ambos os lados.⁶

Muitos dos pensadores ocidentais, engajados na luta contra a expansão do comunismo, tenderam a culpar necessariamente os soviéticos pela Guerra Fria. Muito deste direcionamento foi devido ao pensamento do embaixador norte-americano na União Soviética, George Kennan, que via a União Soviética como uma nação expansionista dedicada a destruir o capitalismo, como veremos adiante.

Podemos perceber a existência desta lógica através de Robert Wesson, um estudioso, conservador, das políticas externas norte-americanas:

Depois da II Guerra Mundial, ainda houve uma certa esperança de que a Grã-Bretanha pudesse encarregar-se de razoável parcela das responsabilidades pela manutenção da ordem mundial, e era geral a expectativa de que as Nações Unidas ajudassem a preservar a paz. Mas logo se viu que a retirada americana seria praticamente equivalente a consentir que a maior parte ou toda a Europa e o resto do mundo caíssem sob a hegemonia da União Soviética, uma potência antagonônica e tirânica abertamente dedicada (de acordo com a sua ideologia oficial de luta de classes universal) à destruição da sociedade "burguesa" tradicional e da ordem internacional.⁷

Sendo a União Soviética uma potência "antagônica e tirânica" e "abertamente dedicada à destruição da sociedade "burguesa" tradicional,

⁶. De acordo com Henry Kissinger, analisando sob a ótica norte-americana: "Em nenhum outro período da sua história a América participou de um sistema de equilíbrio de poder. Antes das duas guerras mundiais, a América se beneficiara da operação de equilíbrio de poder sem estar envolvida em suas manobras e enquanto desfrutava do luxo de criticá-lo severamente ao seu bel-prazer. Durante a Guerra Fria, a América encontrava-se imersa em uma luta ideológica, política e estratégica com a União Soviética, na qual um mundo de duas potências funcionava de acordo com princípios bastante diferentes daqueles de um sistema de equilíbrio de poder. Em um mundo de duas potências, não pode haver nenhuma pretensão de que o conflito conduza ao bem comum; qualquer ganho para uma das partes representa uma perda para a outra." KISSINGER, Henry. **Diplomacia**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, p. 17.

⁷. WESSON, Robert G. **A Nova Política Externa dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 28.

seu combate por parte dos Estados Unidos tornou-se, portanto, necessário. Foi dentro dessa lógica que a política externa norte-americana baseou seus atos desde 1945 até 1989.

Na virada das décadas de 60 e 70, tal postura foi radicalmente alterada, com uma série de estudos indicando que a Guerra Fria foi uma construção norte-americana, pois os soviéticos, destruídos pela Segunda Guerra Mundial e satisfeitos com sua "esfera" de influência, não poderiam provocar uma guerra (estratégica ou militar) contra os Estados Unidos. Isaac Deutscher, no seu clássico texto *Mitos da Guerra Fria*, abre essa perspectiva:

Imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, quando os poderes ocidentais enveredaram para a anulação das alianças, em direção ao grande conflito com seu antigo aliado soviético, era comum falar-se sobre os dois colossos, o americano e o russo, que se defrontavam hostilmente através de um vazio do poder. Presumia-se que um dos colossos, o russo, desafiava o americano, o ocidental. O que as pessoas não compreendiam, e que os Governos não lhes comunicavam, era que, desses dois colossos, um - o americano - emergiu da Segunda Guerra Mundial com vigor e força total (...); enquanto o outro colosso - o russo - jazia quase aniquilado, sangrando profusamente por todas as feridas. E era esse colosso branco sangrante, quase aniquilado, que se supunha criar uma grande ameaça militar para a Europa.

Como o "colosso" russo, totalmente "aniquilado", poderia tentar criar uma guerra contra o "colosso" americano que saiu praticamente intacto da Segunda Guerra Mundial? Mesmo a idéia de expansionismo comunista (ou de suas tentativas para uma dominação mundial) pareciam frágeis. Deutscher nos afiança:

É uma das suposições menos inteligentes feitas no Ocidente, a de que Stálin ou seus sucessores estivessem ou estejam comprometidos com a revolução internacional. Os que se deram ao trabalho de estudar a história soviética sabem o que Stálin e mesmos seus sucessores representaram: foi um profundo conservadorismo, o conservadorismo de uma nova burocracia pós-revolucionária privilegiada que estava, até certo ponto ainda está, interessada antes de tudo na preservação do status quo tanto dentro quanto fora da União Soviética.

* DEUTSCHER, Isaac. *Mitos da Guerra Fria*. In HOROWITZ, David (org.). **Revolução e Repressão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p. 15.

† *Idem*, p. 19;

ANEXO J

 · 3 ·

O horror do inadministrável

A humanidade, como assinala Jean-Pierre Dupuy em seus estudos mais recentes,¹ alcançou, no curso do último século, a capacidade de autodestruição. O que agora ameaça o planeta não é apenas outra rodada de danos auto-infligidos (um traço muito constante da história da humanidade), nem outra catástrofe de uma longa série (que tem atingido a humanidade repetidas vezes em seu caminho até a condição atual), mas a catástrofe de todas as catástrofes, que não deixaria para trás nenhum homem que pudesse registrá-la, refletir sobre ela e daí extrair uma lição, muito menos aprender e aplicar essa lição.

A humanidade tem agora todas as armas necessárias para cometer o suicídio coletivo, seja por vontade própria ou falha – para aniquilar a si mesma, levando o resto do planeta à perdição. Em um certo ponto, seus plenipotenciários automeados ou eleitos chegaram à conclusão de que a perspectiva realista de sua auto-extinção é condição necessária e sua melhor chance de sobrevivência: que manter viva (ou seja, inventando, produzindo e estocando os mais refinados instrumentos de assassinato em massa necessários para dar validade à MAD¹ – a garantia de destruição mútua) a ameaça de mútuo (e na verdade auto) aniquilamento é de fato indispensável para que se adie a extinção. A teoria da MAD está um pouco fora de moda agora, tendo causado suficiente clamor para ser declarada, ainda que com relutância, politicamente incorreta – e dificilmente é pregada em público de forma explícita, sem camuflagem. Mas a estratégia nascida da

doutrina e nela inspirada ainda é uma preocupação atual, fielmente seguida pelos que ainda podem segui-la, e funciona como inspiração e objeto dos sonhos daqueles que ainda não podem.

Depósitos repletos de ogivas nucleares, assim como de mísseis preparados para lançá-las em qualquer recanto do planeta, são apenas uma das catástrofes prontas para acontecer. A autodestruição que se aproxima pode chegar na forma de muitos outros avatares – a explosão de armas explicitamente destinadas a destruir a vida é apenas uma entre muitas. Ainda mais aterrorizante, já que é uma variante não-intencional de autodestruição, que toma forma e avança sub-repticiamente e de maneira indireta (“avolumando-se e expandindo-se de modo invisível”, como diria Juan Goytisolo), é a perspectiva de tornar o planeta inabitável para os seres humanos, e talvez para outras formas de vida conhecidas. O que torna esse tipo de catástrofe definitiva particularmente pérfida e seu avanço particularmente difícil de monitorar, muito menos impedir, é o fato de sua iminência ser, paradoxalmente, o resultado direto, embora raramente imaginado e quase nunca planejado, dos esforços humanos para tornar o planeta *mais* hospitaleiro e *mais* confortável para as pessoas viverem.

Anexo: K

A Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar. Pois, como observou o grande filósofo Thomas Hobbes, “a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida” (Hobbes, capítulo 13). A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do Breve Século XX, foi sem dúvida um desses períodos. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade. Na verdade, mesmo os que não acreditavam que qualquer um dos lados pretendia atacar o outro achavam difícil não ser pessimistas, pois a Lei de Murphy é uma das mais poderosas generalizações sobre as questões humanas (“Se algo pode dar errado, mais cedo ou mais tarde vai dar”). À medida que o tempo passava, mais e mais coisas podiam dar errado, política e tecnologicamente, num confronto nuclear permanente baseado na suposição de que só o medo da “destruição mútua inevitável” (adequadamente expresso na sigla MAD, das iniciais da expressão em inglês — *mutually assured destruction*) impediria um lado ou outro de dar o sempre pronto sinal para o planejado suicídio da civilização. Não aconteceu, mas por cerca de quarenta anos pareceu uma possibilidade diária.

A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência — a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra — e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética.

III

Embora o aspecto mais óbvio da Guerra Fria fosse o confronto militar e a cada vez mais frenética corrida armamentista no Ocidente, não foi esse o seu grande impacto. As armas nucleares não foram usadas. As potências nucleares se envolveram em três grandes guerras (mas não umas contra as outras). Abalados pela vitória comunista na China, os EUA e seus aliados (disfarçados como Nações Unidas) intervieram na Coreia em 1950 para impedir que o regime comunista do Norte daquele país se estendesse ao Sul. O resultado foi um empate. Fizeram o mesmo, com o mesmo objetivo, no Vietnã, e perderam. A URSS retirou-se do Afeganistão em 1988, após oito anos nos quais forneceu ajuda militar ao governo para combater guerrilhas apoiadas pelos americanos

(*) "Vamos moldar nossa força e nos tornar os primeiros de novo. Não os primeiros se. Não os primeiros mas. Mas primeiros e ponto. Quero que o mundo se pergunte não o que o sr. Krushev está fazendo. Quero que eles se perguntem o que os Estados Unidos estão fazendo" (Beschloss, 1991, p. 28).